



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/08/2021 a 12/08/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/08/2021	14,22	358,80	63,41	7,19	5,55
09/08/2021	14,33	359,60	65,72	7,11	5,50
10/08/2021	14,47	360,30	65,31	7,27	5,49
11/08/2021	14,05	355,40	63,53	7,27	5,56
12/08/2021	14,01	355,40	63,51	7,53	5,67
Média	14,22	357,90	64,30	7,27	5,55

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	155,50	
RS – Não Me Toque	155,50	
RS – Londrina	157,00	
PR – Cascavel	156,00	
MT – C.N.Parecis	161,00	
MS – Maracaju	162,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	80,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	90,00	
SC – Rio do Sul	92,00	
PR – Cascavel	97,00	
PR – Londrina	95,00	
MT – C.N.Parecis	81,00	
MS – Maracaju	92,00	
SP – Itapetininga	99,00	
SP – Campinas	99,00	CIF
GO – Rio Verde	88,00	
GO – Jataí	88,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 11/08/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da
Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/08/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	89,03	155,22	81,08

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/08/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,26
Feijão (saco 60 Kg)	250,53
Sorgo (saco 60 Kg)	63,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,08
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,23**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,87

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

(**) Ref. Julho/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER.

MERCADO DA SOJA

A semana foi de estabilidade para as cotações da soja em Chicago, na medida em que o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 12/08, pouco trouxe de novidades. O primeiro mês cotado fechou este dia em US\$ 14,01/bushel, contra US\$ 14,02 uma semana antes. Lembrando que a partir da próxima segunda-feira o primeiro mês passa a ser setembro, o qual fechou em US\$ 13,47/bushel neste dia 12/08.

O relatório trouxe números um tanto altistas, pois passou a considerar as quebras de safra nos EUA devido ao clima mais seco deste verão, porém, os mesmos já estavam precificados pelo mercado. A produção da soja nos EUA, para 2021/22, está agora estimada em 118,1 milhões de toneladas, com recuo de quase dois milhões em relação aos relatórios anteriores. Já os estoques finais estadunidenses permaneceram em 4,2 milhões de toneladas, enquanto o preço médio ao produtor local, no novo ano comercial, ficaria em US\$ 13,70/bushel, mantendo o valor indicado em julho. Já a produção mundial de soja ficou em 383,6 milhões de toneladas, com um recuo ao redor de dois milhões de toneladas. Todavia, os estoques finais foram aumentados para 96,2 milhões de toneladas. A produção do Brasil foi mantida em projeção de 144 milhões de toneladas, assim como a da Argentina em 52 milhões. Por fim, as importações de soja por parte da China, em 2021/22, foram reduzidas para 101 milhões de toneladas, ou seja, um milhão a menos do que o indicado em julho.

Desta maneira, o relatório acabou sendo neutro para o mercado da soja, pois ficou dentro do esperado, não trazendo grandes surpresas. Inclusive, os estoques finais estadunidenses vieram um pouco maiores do que a média esperada por alguns analistas internacionais, e bem superiores ao esperado pela média geral do mercado. Isto pode indicar, passado o primeiro impacto especulativo, acomodação das cotações para níveis um pouco menores. A próxima semana dará o tom em relação a esta possibilidade ou não.

Por outro lado, as condições das lavouras estadunidenses de soja foram mantidas em 60% entre boas a excelentes, contra 74% um ano atrás. Cerca de 91% das mesmas estão em fase de floração e 72% em fase de formação de vagens.

Em termos de exportação, os EUA, na semana encerrada em 05/08, embarcaram 114.253 toneladas de soja, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial atual o total embarcado chega a 58,4 milhões de toneladas, ou seja, 45% acima do exportado em igual momento do ano anterior.

E no Brasil os preços da oleaginosa se estabilizaram, diante de um câmbio que se mantém ao redor de R\$ 5,20 por dólar, cotações em Chicago relativamente estáveis e prêmios positivos nos portos, porém, dentro da normalidade para esta época. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 155,22/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 156,00 e R\$ 162,00/saco.

Nota-se que a demanda externa por farelo de soja brasileiro voltou a aquecer, aumentando as exportações nacionais em julho, com o volume mensal sendo o maior desde 2004, ao bater em 1,99 milhão de toneladas. Enquanto isso, os preços do óleo de soja diminuíram, mesmo com a demanda pelo biodiesel aquecida. Ocorre que as indústrias de alimentos estão fazendo menos compras, aguardando preços menores

nas próximas semanas. Soma-se a isso o fato de que a demanda externa pela soja brasileira também diminuiu nesta semana.

Contrariando este movimento, a comercialização da última safra 2020/21, no Brasil, está mais lenta, tendo atingido o total de 81,9% do volume produzido, contra a média histórica de 83,5% para o período. Os produtores continuam esperando melhores preços. Este ritmo mais lento é verificado igualmente na futura safra 2021/22, a qual já teve comercializado antecipadamente 23,7% do total esperado, contra a média histórica de 20,6% e 43,3% na safra anterior. (cf. AgRural e Safras & Mercado)

Já no Mato Grosso, maior produtor nacional, a comercialização antecipada chega a 37,3% neste momento, lembrando que a nova safra começa a ser semeada naquele Estado em setembro. Na safra anterior, 50,5% do total esperado já havia sido comercializado nesta época do ano, enquanto a média histórica é de 27,8%. Em relação a safra velha, as vendas atingem a 92,3% do total, contra 91,6% na média histórica. (cf. Imea)

No geral, os produtores estão deixando passar um momento ainda de boas relações de troca, apostando em um aumento de preços futuros que está longe de se constituir em realidade neste momento. Como sempre, a média de comercialização é a melhor estratégia, algo que muitos parecem estar esquecendo para esta futura safra. Mesmo com a forte alta nos custos de produção para esta nova safra, os preços atuais ainda são positivos, indicando margens interessantes, embora abaixo do registrado no ano anterior em muitos casos. Enfim, os indicadores econômicos e de mercado permitem sugerir aos produtores de soja que façam uma boa poupança a partir destas safras positivas, pois as projeções para 2022/23 são de custos ainda mais elevados, sem garantia de resposta por parte dos preços do produto.

Como já é sabido, são os preços dos fertilizantes que mais pesaram para o aumento dos custos de produção nesta nova safra, especialmente porque há falta de matérias-primas e até do próprio produto final. Em Goiás, por exemplo, o custo operacional desta nova safra de soja deverá aumentar em 23%, exigindo mais de R\$ 4.000,00/hectare. No Paraná, os custos totais deverão ser entre 45% e 50% mais elevados do que os da safra passada, também exigindo entre R\$ 3.800,00 a R\$ 4.000,00/hectare desde que o produtor seja o dono da terra. Mesmo assim, se o preço médio do produto ficar em R\$ 140,00/saco, considerando uma produtividade média de 3.800 quilos/hectare, a rentabilidade do produtor será bem positiva. Mas em todos os locais produtores do país, os preços altos de hoje podem deixar a desejar na safra nova diante da alta dos custos de produção. Ou seja, em se mantendo tais preços do produto, a rentabilidade final geral será menor.

Por sua vez, pelo lado das exportações brasileiras de soja, espera-se um total de 86,7 milhões de toneladas em grãos e 16,9 milhões em farelo de soja, em 2021. O esmagamento nacional de soja ficaria em 46,5 milhões de toneladas. Todo o complexo soja (grão, farelo e óleo) deverá render um total de US\$ 49,4 bilhões no corrente ano, crescendo 40% sobre o obtido em 2020. (cf. Abiove)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago se mantiveram estáveis até o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, neste dia 12/08. Após o mesmo, o mercado reagiu, com o fechamento do dia ficando em US\$ 5,67/bushel, contra US\$ 5,55 uma semana antes.

O relatório apontou os seguintes números para o milho na safra 2021/22:

- 1) A safra nova dos EUA foi reduzida em quase 11 milhões de toneladas, ficando estimada agora em 374,7 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais estadunidenses foram reduzidos em quase 5 milhões de toneladas, ficando em 31,6 milhões de toneladas;
- 3) O preço médio anual, ao produtor estadunidense, passou a US\$ 5,75/bushel;
- 4) A produção mundial de milho foi reduzida para 1,186 bilhão de toneladas;
- 5) Os estoques finais mundiais caíram para 284,6 milhões de toneladas;
- 6) A produção brasileira está projetada em 118 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina em 51 milhões;
- 7) As importações chinesas de milho ficariam em 26 milhões de toneladas, sem alterações em relação ao relatório de julho.

Dito isso, vale destacar que a safra estadunidense ficou dentro do esperado pelo mercado, embora abaixo da média estabelecida, porém, acima das 360,2 milhões de toneladas colhidas no ano anterior. Os estoques finais igualmente ficaram dentro do esperado pelo mercado, porém, um pouco abaixo da média aguardada. Em termos mundiais, os estoques finais anunciados também ficaram dentro do esperado pelo mercado. Mesmo assim, o viés foi de alta em Chicago após o anúncio do relatório.

Por outro lado, as condições das lavouras estadunidenses de milho, até o dia 08/08, eram de 64% entre boas a excelentes, contra 71% no ano passado. Cerca de 56% das mesmas continuam em fase de embonecamento, e 8% na fase de enchimento de grãos.

Em termos de exportação, os EUA embarcaram 667.220 toneladas, na semana encerrada em 05/08, ficando abaixo das expectativas do mercado. O total já embarcado neste ano comercial é de 63,5 milhões de toneladas, superando em 61% o registrado no mesmo momento do ano anterior.

Já no mercado brasileiro os preços continuam firmes e, em muitos locais, até em alta apesar da colheita da safrinha. Em outros locais ocorrem quedas de preço devido ao recuo dos compradores, os quais esperam preços mais baixos no final da colheita da safrinha. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 89,03/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 81,00 e R\$ 99,00/saco.

Enquanto a colheita da segunda safra, no Centro-Sul brasileiro, chegou a quase 60% do total na semana passada, mantendo-se bastante atrasada em relação aos anos anteriores, a forte quebra no volume colhido vai se confirmando. Novas geadas nesta semana pioraram o quadro em muitas regiões, sendo que a safrinha total poderá ficar em apenas 51,6 milhões de toneladas, com perdas de 26 milhões de toneladas em relação ao esperado inicialmente. (cf. AgRural)

Este número ainda não é acompanhado pela Conab que, em seu levantamento de agosto, aponta uma piora, sim, na safrinha, porém, ainda mantendo uma produção final de 60,3 milhões de toneladas, ou seja, 19,6% menor do que o colhido em 2020 e 24,4% menor do que a projeção inicial para o corrente ano. Mesmo assim, os números do órgão oficial ainda estão quase 10 milhões de toneladas acima daqueles indicados pelos analistas privados.

Para a Conab, a produção total de milho neste ano 2020/21 deverá ser de 86,7 milhões de toneladas, com um recuo de 15,5% sobre o ano anterior e 19,8% menor do que as projeções iniciais para este ano. É bom lembrar que os analistas privados esperam um volume total final no Brasil entre 75 e 80 milhões de toneladas.

Pelo lado das exportações brasileiras de milho, as expectativas chegam a um total entre 17 e 23 milhões de toneladas neste ano, após a forte quebra da safrinha. De janeiro a julho as vendas externas alcançaram a 5,6 milhões de toneladas, sendo 22% menor do que o registrado no mesmo período de 2020. Já nos primeiros cinco dias úteis de agosto o país exportou 718.244 toneladas do cereal. A média diária de embarques em agosto está 51,7% abaixo do registrado em agosto de 2020. A Anec espera que o Brasil exporte entre 3 e 4 milhões de toneladas de milho neste mês de agosto.

Enfim, em termos estaduais, temos que o Mato Grosso, até o início desta semana, havia colhido 93,5% da área de milho safrinha 2020/21. Já a safra 2021/22 registrava vendas antecipadas na altura de 28,7% da produção esperada, contra 18,5% na média histórica. No Paraná, a colheita da safrinha chegava a 22%, sendo que apenas 5% das lavouras a colher apresentavam boa qualidade. E no Mato Grosso do Sul a colheita da safrinha chegou a 20% neste início de semana, com a expectativa de que o volume total fique mesmo em 6,3 milhões de toneladas após as quebras climáticas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, que vinham subindo durante a semana, acabaram acelerando o ritmo após o anúncio do relatório do USDA. Assim, o fechamento deste dia 12/08 ficou em US\$ 7,53/bushel, contra US\$ 7,12 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado nesta quinta-feira (12), acabou sendo altista em relação a este cereal. O mesmo revisou novamente para baixo a safra total dos EUA, com a mesma ficando agora estimada em 46,2 milhões de toneladas, com um recuo de 1,3 milhão sobre o indicado em julho. Já os estoques finais estadunidenses ficaram em 17 milhões de toneladas, perdendo um milhão de toneladas sobre julho. Com isso, o preço médio ao produtor dos EUA, no ano comercial 2021/22, está projetado, agora, em US\$ 6,70/bushel. Quanto a produção mundial de trigo, o relatório apontou um volume de 776,9 milhões de toneladas, com um recuo de 15,5 milhões sobre o estimado em julho. Os estoques finais mundiais, com isso, recuam para 279,1 milhões de toneladas, após 291,7 milhões em julho. A produção da Argentina continua estimada em 20,5 milhões, com exportações de 13,5 milhões de toneladas. O Brasil deverá produzir 7,7 milhões de toneladas e importar 6,5 milhões.

Dito isso, enquanto as colheitas do trigo de inverno e de primavera avançam nos EUA, mesmo que com atraso no caso do produto de primavera, os embarques de trigo atingiram a 605.793 toneladas na semana encerrada em 05/08. Este volume ficou acima do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA já exportaram 4,4 milhões de toneladas, ou seja, 15% a menos do que o registrado no mesmo período do ano passado.

Já no Brasil, diante de novas geadas que atingiram o sul do país, provocando certamente novas quebras de produtividade, desta vez também em alguns locais do Rio Grande do Sul, os preços do trigo se mantiveram firmes e com viés de alta. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 81,08/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 88,00 e R\$ 90,00/saco.

Assim, os preços do grão, acompanhados pelos do farelo de trigo, se mantêm em alta no mercado nacional. No último caso, as fortes perdas na safrinha de milho está levando a um maior consumo de trigo nas rações animais. Para se ter uma ideia do movimento, em julho passado a média do preço do farelo de trigo a granel, em termos nominais, superou em 84% a do mesmo mês de 2020, enquanto o derivado ensacado subiu 78,5%. (cf. Cepea/Esalq)

Com as atuais situações climáticas no sul do país, a produção final de trigo deverá ser revisada para baixo logo adiante. A Conab, que chega a estimar uma produção total de 8,6 milhões de toneladas, nos parece, hoje, longe da realidade, embora o mercado ainda não possa quantificar o quanto de estrago houve nas lavouras tritícolas até o momento. Por exemplo, as geadas ocorridas no Paraná nestes últimos tempos pegaram de 30% a 40% das lavouras em fase reprodutiva, portanto suscetíveis ao fenômeno climático. E as geadas desta semana de agosto já prejudicaram também algumas regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina que, até então, tinham escapado dos efeitos negativos do fenômeno.